

## Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI

MARCO AURÉLIO CREMASCO – MARIA TEREZA DUARTE PAES

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

*Branca Falabella Fabrício*

*Rodrigo Borba*

*(org.)*

# Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar

HOMENAGEM A

LUIZ PAULO DA MOITA LOPES

EDITORA  
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
BIBLIOTECÁRIA: MARIA LÚCIA NERY DUTRA DE CASTRO – CRB-8ª 1724

---

- Of3      Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar : homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes / organização: Branca Falabella Fabrício e Rodrigo Borba. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2023.
- 1.Lopes, Luiz Paulo da Moita, 1951- 2. Linguística Aplicada. 3. Linguagem. 4. Epistemologia. 5. Sociolinguística. I. Fabrício, Branca Falabella. II. Borba, Rodrigo.
- CDD – 410  
– 400  
– 121  
– 306.44

ISBN: 978-85-268-1615-2

---

Copyright © Branca Falabella Fabrício  
Rodrigo Borba  
Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste livro são de responsabilidade dos organizadores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a  
Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

# Sumário

LISTA DE IMAGENS .....	7
NOTA PRÉVIA .....	9
<i>Beth Brait</i>	
APRESENTAÇÃO – SOBRE RUÍNAS E RECONSTRUÇÕES... ..	11
<i>Branca Falabella Fabrício e Rodrigo Borba</i>	
PREFÁCIO – PARA LPML, LINGUISTA MUITÍSSIMO APLICADO .....	17
<i>Pedro de Moraes Garcez</i>	
INTRODUÇÃO – ERRÂNCIAS INDISCIPLINARES: ENTRE RASTROS, RUÍNAS E RECONSTRUÇÕES.....	19
<i>Branca Falabella Fabrício e Rodrigo Borba</i>	
1 – LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR COMO AMÁLGAMA EPISTÊMICO .....	47
<i>Alastair Pennycook</i>	
2 – SOCIOLINGUÍSTICA, (IN)SEGURANÇA E PRÁTICA COTIDIANA .....	79
<i>Ben Rampton</i>	
3 – INTERMODALIDADE E REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADE EM DUAS EDIÇÕES DO LIVRO ILUSTRADO <i>AMANHECER ESMERALDA</i> .....	105
<i>Célia M. Magalhães</i>	
4 – (DES)CONSTRUÇÕES DAS CATEGORIAS IDENTITÁRIAS MULHER “DE VERDADE” E MULHER FEMINISTA EM PÁGINA DO INSTAGRAM.....	139
<i>Inês Signorini e Fabiana Biondo</i>	
5 – REFLEXÕES INDISCIPLINADAS SOBRE EPISTEMOLOGIA EM LINGUÍSTICA .....	173
<i>José Luiz Fiorin</i>	
6 – A DISCIPLINA CHAMADA LINGUÍSTICA APLICADA E AS CONTRIBUIÇÕES DE LUIZ PAULO DA MOITA LOPES .....	193
<i>Kanavillil Rajagopalan</i>	

7 – CAMINHOS NARRATIVOS – ENTRELAÇANDO CRONOTOPOS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM REUNIÕES DE TRABALHO .....	213
<i>Liliana Cabral Bastos</i>	
8 – MAS QUE SINTAXE “INDISCIPLINADA”!!! .....	241
<i>Maria Eugênia Lammoglia Duarte</i>	
9 – CONSTRUÇÕES DE NARRATIVAS SOBRE MIGRANTES HAITIANOS/AS EM ESPAÇOS ELETRÔNICOS DE COMUNICAÇÃO: REAÇÕES E RESISTÊNCIA .....	267
<i>Marilda C. Cavalcanti e Ana Cecília Cossi Bizon</i>	
10 – MULTISSEMIOSE DOS TEXTOS CONTEMPORÂNEOS: A IMAGEM ESTÁTICA EM UMA ABORDAGEM DE BASE BAKHTINIANA .....	293
<i>Roxane Rojo</i>	
POSFÁCIO PARA LUIZ PAULO .....	327
<i>Branca Telles Ribeiro</i>	
SOBRE OS/AS AUTORES/AS.....	329

# Lista de imagens

Imagem 1. *Graffiti em escombros de demolição no Alemão*

Fonte: Diniz, 2014.

Imagem 2. Esquemas gráficos do conjunto das interações geradas por cada *post*

Fonte: autoria própria.

Imagem 3. “Porque [*sic.*] muita gente entende a palavra ‘feminismo’ como uma coisa ruim?”

Fonte: *Quebrando o Tabu* (Instagram).

Imagem 4. “– Você não acha que isso de feminismo não joga homem contra mulher? – Ai, eu não aguento mais explicar isso... feminismo NÃO É SER CONTRA HOMENS”

Fonte: *Quebrando o Tabu* (Instagram).

Imagem 5. *Notary*

Fonte: Basquiat, 1983. Acrílico, óleo e colagem em papel na tela, montado em suporte de madeira.

Imagens 6, 7, 8. Pinturas dos séculos XVI, XVII e XVIII

Fonte: Wikipédia.

Imagens 9-16. Pinturas do impressionismo, expressionismo e cubismo

Fonte: Wikipédia.

Imagem 17. *Punto, línea y plano*

Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=H7WDD5Vh7pc>>. Acesso em 24/2/2019.

Imagem 18. *La mariée mise à nu par ses célibataires, même*

Fonte: Duchamp, 1915-1923.

Imagem 19. *Colecionador de arte da Califórnia*

Fonte: Hockney, 1964.

Imagem 20. *A bigger splash*

Fonte: Hockney, 1967.

Imagem 21. Filtros do Prisma/Style

Fonte: autoria própria.

Imagem 22. Filtro do Snapchat

Fonte: autoria própria.



# *Nota prévia*

Beth Brait

A área do conhecimento designada como Linguística Aplicada tem uma longa, produtiva e revolucionária história. Inicia-se nos Estados Unidos, nos anos 1940, como disciplina ligada ao aprendizado de línguas e à resolução de problemas de tradução e interpretação, acolhendo, nas décadas seguintes, questões ligadas ao uso da língua materna, ao ensino de segunda língua e às línguas em contato. No Brasil, surge nos anos 1960, identificada com aplicação de teoria linguística. Hoje, na verdade desde os anos 1980, a designação Linguística Aplicada se descola tanto da Linguística, em sua versão de ciência da língua, quanto de uma *aplicação* para fins de ensino. Sua guinada se dá quando as investigações se voltam para as questões de linguagem, de qualquer natureza, surpreendidas nas práticas sociais, na dura vida como ela é.

Uma figura fundamental nesse quadro epistemológico é o grande pesquisador brasileiro Luiz Paulo da Moita Lopes. De fato, ele é um criador de discursividade, no sentido de revolucionar uma área do conhecimento, uma disciplina, instaurando a reviravolta no campo. O leitor que não estiver em dia com os estágios e o momento atual das pesquisas nessa área deve, de imediato, entender que não se trata da aplicação de uma ciência básica prévia a objetos quaisquer. A LA, como é conhecida, constrói suas reflexões teóricas e seus objetos de estudo no embate polêmico com visões tradicionais de ciência, dos estudos das linguagens, de posturas hegemônicas. Assim sendo, cabe a pergunta: como se devem, então, compreender os dois termos em conjunção? A resposta viva está nos textos aqui reunidos.

A abertura para esse universo reflexivo, teórico-prático, não poderia ser mais reveladora. Ela se dá com a introdução dos dois organizadores, Branca Falabella Fabrício e Rodrigo Borba, que, desde o título, “Errâncias indisciplinadas: entre rastros, ruínas e reconstruções”, se oferece como uma belíssima síntese do que é a LA hoje, do que vem pela frente em

termos do conteúdo da obra, da multiplicidade de objetos/sujeitos tratados a partir de sua sensível existência num mundo regido pela desigualdade. E, ainda, como pode ser entendido esse ramo do conhecimento que tem no pensador Luiz Paulo da Moita Lopes, em sua obra e influência, o vetor da institucionalização da Linguística Aplicada no Brasil, assim como de sua incessante transformação.

A partir da obra *Grafittis em escombros de demolição no Alemão*, do fotodocumentarista carioca Ratão Diniz, temos, metafórica e plasticamente, uma definição da LA que se embaralha com a arte das ruas, dos muros, da existência por ela visada:

[...] as lentes do fotodocumentarista carioca Ratão Diniz captam um momento no qual, durante um mutirão de grafiteiros no Morro do Alemão [...], escombros de uma construção transmutam-se em potência significativa. Da destruição surge algo novo, dando nova vida crítica ao que antes era dejetado.

Assim, na LA, constantemente revisitada por Luiz Paulo da Moita Lopes, que aqui parafraseamos, o objetivo fundamental é a problematização da vida social, na intenção de compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial, de forma híbrida, ética e responsiva. E o leitor verá, pelas lentes dos pesquisadores que assinam cada um dos textos aqui reunidos, sobre quais ruínas se erguem novos sentidos: ruínas do conhecimento, da estabilidade, da representação, dos espaços e tempos, das fronteiras, da disciplina, da ontologia. Sem dúvida, é uma obra de referência que homenageia um pensador cuja sensibilidade social e científica motiva essa LA como “prática eminentemente política”.

# Apresentação

## *Sobre ruínas e reconstruções...*

Branca Falabella Fabrício  
Rodrigo Borba

Esta coletânea homenageia Luiz Paulo da Moita Lopes, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ (PIPGLA), que ajudou a fundar há mais de 30 anos. Seu trabalho como educador e pesquisador formou uma legião de discentes que agora atuam em diferentes contextos de formação. Prestamos-lhe um primeiro tributo quando organizamos o volume inaugural da *Revista Indisciplina em Linguística Aplicada* – Rila, o periódico do PIPGLA. Nessa publicação, agrupamos investigações de ex-orientandos/as que nos possibilitaram elaborar um editorial traçando uma visão panorâmica da obra de Moita Lopes e ressaltando seu percurso intelectual, marcado por criticidade e transgressões de fronteiras disciplinares.<sup>1</sup> Também destacamos sua agenda socialmente engajada de pesquisa e a produção de conhecimento responsivo às lutas por inclusão e igualdade de direitos. Tal movimento permitiu-nos explorar o impulso reflexivo que atravessou todo o trabalho de Luiz Paulo e chegar até sua proposta de uma Linguística Aplicada Indisciplinar.<sup>2</sup> Ela tem propiciado uma incessante problematização do campo e da sua relevância social.

LP, como carinhosamente chamamos o professor-pesquisador, tem seu nome ligado à história da Linguística Aplicada no Brasil, mas tocou profissionais de diferentes tradições no amplo campo dos estudos da linguagem, no país e no exterior. Agora, o condecoramos,

---

<sup>1</sup> Cf. Fabrício & Borba, 2020.

<sup>2</sup> Moita Lopes, 2006.

mais uma vez, congregando trabalhos de acadêmicos/as renomados/as, brasileiros/as e estrangeiros/as, que com ele partilharam experiências intelectuais, profissionais e afetivas. Assim, as pessoas aqui reunidas compõem um conjunto rico e diversificado de perfis investigativos em diferentes tradições de pesquisa, como estudos discursivos, dialogismo bakhtiniano, estudos semióticos, sociolinguística interacional, sociolinguística crítica, sociolinguística variacionista, hipermedialidade e estudos narrativos. Algumas delas discutem temas de pesquisa aos quais o homenageado se dedicou em sua trajetória acadêmica, como práticas identitárias e produção de sentidos em espaços *online-offline*. Outras evocam, de modo mais ou menos explícito, ponderações que a obra do homenageado suscita. Outro grupo, por sua vez, se engaja na metarreflexão sobre o conceito de indisciplina.

Tal heterogeneidade teórico-temática é indicativa dos diálogos plurais que o percurso intelectual de Moita Lopes inspira na produção contemporânea de conhecimento sobre a linguagem em uso no mundo social e suas possibilidades de emancipação. Além disso, aponta para parcerias fecundas que podem se estabelecer na intersecção de estudos linguísticos tradicionais e perspectivas renovadoras. A indisciplina proposta por Moita Lopes é fruto dessas conversas advindas da compreensão de que o novo germina em meio a escombros e deles se nutre, de modo simbiótico. A inovação que surge das ruínas de legados históricos instigou o subtítulo de nosso texto introdutório, qualificando metaforicamente o gesto indisciplinar. Em nossa leitura, ele é forjado nos detritos de ideais modernos de disciplina e ordenação. A relação entre disciplina e indisciplina é de entrelaçamento, pois uma é suscetível à outra. Fiamos-nos nessa imagem de mutualidade para reunir o conjunto de textos presentes neste volume. Explicamos, a seguir.

A ideia das ruínas como âmbito de produção do novo em meio a estruturas já bem estabelecidas vem das reflexões da antropóloga Anna Tsing sobre o sonho de modernização e progresso do século XX.<sup>3</sup> Segundo ela, a empreitada modernista de domesticação de espaços é expansível, *i.e.*, escalável. Comprometida com ideais de controle e estabilidade, ela se espalhou pelo mundo acoplada ao projeto colonial-

---

<sup>3</sup> Tsing, 2012; 2019.

-capitalista. Essa disposição expansionista ignorou a heterogeneidade de formas de vida, impondo-se nos quatro cantos do planeta como um bloco uniforme de condutas universais, em relação à exploração de territórios e à organização de interações sociais.

Nos termos de Tsing, a escalabilidade “é a habilidade de se expandir – e expandir, e expandir – sem repensar seus elementos básicos”,<sup>4</sup> não se deixando contaminar pela diferença. A autora toma a disseminação da chamada *plantation* colonial europeia como um caso exemplar de escalabilidade. O modelo *plantation* se espalhou por várias partes do planeta como um monólito, sem adaptações ou ajustes, privilegiando as escalas da ordem, do progresso, da pureza e, sobretudo, da precisão. Projetos dessa natureza se constroem como entidades universais. Alheios às peculiaridades ambientais, prometem reprodutividade, apresentando-se, por conseguinte, como estando prontos para propagação futura. Ignorantes da diversidade, instalam-se em determinados ambientes, exploram-nos e, frequentemente, abandonam-nos, deixando para trás rastros de destruição e ruínas. Franquias como McDonald’s e construções de *shopping centers* são conhecidos fenômenos escaláveis baseados na replicação transcultural de modos de agir-dizer-fazer.

Há, entretanto, outra possibilidade de circulação. Ela parte do princípio de que, apesar de a ideia de precisão ter um forte apelo para profissionais, cientistas e estudiosos/as de várias áreas, “o mundo vivo não é submisso a escalas de precisão”.<sup>5</sup> Nele, a escalabilidade não se aplica, pois espaços são compostos por elementos em constante interação uns com os outros. Da zona de contato, advêm ecossistemas dinâmicos, em contínua reorganização, configurando uma forma de existência-em-movimento. Tsing recorre aos cogumelos *matsutake* como um exemplo dessas relações de mutualidade e transformação. Esses cogumelos, que constituem uma iguaria na culinária japonesa, são raros, difíceis de cultivar e muito caros no comércio transcontinental. Encontrados em florestas do hemisfério norte, necessitam de árvores hospedeiras com as quais interagem e se metamorfoseiam. Eles podem também crescer em florestas industriais abandonadas ou mesmo em meio a destroços. Germinaram, por exemplo,

<sup>4</sup> *Idem*, 2012, p. 505.

<sup>5</sup> *Idem*, 2019, p. 175.

nos escombros de Hiroshima. Tal vitalidade se deve a sua capacidade adaptativa. Por isso, *matsutakes* são diferentes uns dos outros. Não se repetem. Não são, portanto, escaláveis.

Para a antropóloga, os dois modelos de circulação coexistem e se complementam. Entretanto, adverte ela, a dinâmica entre o escalável e o não escalável “requer repensar nossas práticas de conhecimento, que foram moldadas dentro da história de refazer o mundo para a escalabilidade”.<sup>6</sup> Os jogos de conhecimento dos quais aprendemos a participar exigem a escalabilidade como modelo. Deles fazem parte práticas de delimitação de territórios, corpos e línguas, orientadas por um ideal de precisão cirúrgica na demarcação de fronteiras entre solos, objetos, corpos, pessoas e campos do saber. O modelo da identidade, desde Aristóteles, talvez seja o mais eloquente exemplo de um projeto escalável, em sua capacidade de expansão através de diferentes tempos e espaços.

Esses modelos de circulação podem ser associados a diferentes percursos de ideias, escaláveis e não escaláveis. Por exemplo, ímpetos expansionistas, como a disciplina, convivem com experiências locais não escaláveis. Elas produzem pequenas histórias e relatos de experiências singulares, indisciplinadas, articuladas na escala da vida cotidiana, mas que, em sua aparente insignificância, se mostram capazes de organizar novas relações, não consideradas por grandes empreendimentos. Em face desse estado de copertinência, Tsing especula como seria uma modernidade amputada de seus ideais centrais de organização e continuidade. Em outras palavras, ela indaga o que seria vivenciar o mundo pela perspectiva da indeterminação e da precariedade. Na sua visão, a resposta seria a convivência colaborativa e polifônica de múltiplas espécies e saberes.

Trazendo essa abordagem para nossa discussão, pensamos na convivência de diferentes epistemes que marca a trajetória acadêmica de Luiz Paulo e comparece nos capítulos deste livro. A perspectiva de inseparabilidade, de desintegração e de transformação auxiliou-nos a articular a diversidade de visões presente no conjunto dos capítulos. Transitamos entre os ensaios a esmo, sem compromisso com uma concatenação necessária. Nesse vaguear, construímos uma costura

---

<sup>6</sup> *Idem*, p. 197.

possível sobre a relação entre disciplina-indisciplina. Sugerimos, então, ao público leitor um perambular fluido pelas veredas dos escritos, sem preocupação com uma sequência coesa. Nossa expectativa é de que muitos trajetos e sínteses autorais são possíveis, nenhum melhor ou superior ao outro. Por isso, depois do prefácio e de nossa introdução, organizamos os textos por ordem alfabética, a partir dos nomes dos autores e das autoras. Esperamos que este tributo a um dos mais importantes linguistas aplicados brasileiros faça eco à obra do homenageado e fomente formas ousadas e éticas de, como diria Luiz Paulo inspirado por Foucault, reinventarmos continuamente o que podemos ser.

## Referências

- FABRÍCIO, B. F. & BORBA, R. “Luiz Paulo da Moita Lopes: da oficina à indisciplina”. *Revista Indisciplina em Linguística Aplicada*, 1 (1): 1-7, 2020.
- MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.
- TSING, A. “On nonscalability: the living world is not amenable to precision-nested scales”. *Common Knowledge*, 18 (3): 505-524, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília, Mil Folhas do IEB, 2019.



# Prefácio

## *Para LPML, linguista muitíssimo aplicado*

Pedro de Moraes Garcez

Mas, onde quero chegar: foi assim, como lhe vou contar. Estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem divisa; apenas os trilhos do gado cruzando-se entre aguadas e querências.  
Simões Lopes Neto, “No manantial”, *Contos gauchescos*

Que alegria festejar o Luiz Paulo e a obra dele! Mais que a produção bibliográfica – extensa, relevante, influente –, celebramos o Luiz Paulo que vem norteando e suleando o campo aplicado dos estudos da linguagem entre nós. Lendo e conversando com os tempos, Luiz Paulo tem nos mostrando direções aos muitos ventos. Lê, ouve, conversa, pensa; conta e reconta, convoca. Ligado e conectado, repensa e propõe, e assim faz um leva-e-traz crítico, sem evangelismos, mas assumindo broncas, apontando caminhos, construindo pontes. A gente interpelada, beneficiados, somos muitos; e nós a desatar, também temos muitos. Do meu lugar na província (de São Pedro do Rio Grande do Sul), tem sido fundamental essa voz da corte a ressoar as conversas mais ao Norte, reatando fios e compondo o quadro do campo aplicado dos estudos da linguagem. Suponho que Luiz Paulo figure assim também para muitos colegas mais ao Norte e além: um pensador laborioso, e assim disciplinado, mas ecumênico, outrossim indisciplinar; enfim, um linguista muitíssimo aplicado. O conjunto de capítulos reunidos neste volume parece atestar isso, em testemunhos amplos, indicando decerto apenas amostras da massa de nós e vespeiros que o Luiz Paulo tocou nesses anos, falando em eventos, provocando avanços e reflexões, atuando em associações e agências de fomento, marcando e abrindo espaços antes demasiadamente disciplinares.

Haveria muitos destaques a fazer dessa obra e dessa atuação. Talvez bastasse lembrar a definição feliz de Linguística Aplicada como “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central”. Entretanto, seria injusto sugerir que o Luiz Paulo

chegou aí, e assim nós mesmos, por inspiração somente. Quando o campo aplicado de estudos da linguagem tateava por métodos de investigação calcados na experimentação psicológica, ou em simulacros disso, Luiz Paulo soube cogitar metodologias de pesquisa para de novo conversar, contar e recontar sobre outros modos de investigar. Ir a campo observar, sendo deliberadamente interpretativo para criar inteligibilidades, foi uma chamada para a qual havia pouca ou nenhuma experiência pregressa, e assim outra vez Luiz Paulo experimentou para a gente conversar e criar inteligibilidades, uma porção delas até então insuspeitadas. Enquanto isso, não deixou de lado os velhos temas; pôs-se a colaborar com quem vinha dantes cruzando aguadas e querências para compor parâmetros curriculares de ensino de línguas. Ao mesmo tempo, e com fôlego, foi também renovando o escopo de temáticas que importam e que talvez estivessem des(re)conhecidas. Nesse escopo, o universo das identidades se fez terreno de reflexão fulcral; nos estudos de gênero, Luiz Paulo se fez referência bem além da Linguística Aplicada. Para lá e para cá, foi obstinado na formulação da pauta de estudos e no engajamento de interlocutores nas arenas de produção discursiva necessárias para criar inteligibilidades sobre problemas sociais, amarrando os nossos nós em torno desses objetos, os problemas sociais, ao passo que afirmava nosso compromisso com os estudos da linguagem, sinalizando nitidamente, contudo, que esse domínio, o da linguagem, não tem limites circunscritos por qualquer conceito positivo de língua. Prefigurou assim o exame crítico de invenções de disciplinas acadêmicas a serviço de discursos de legitimação de desigualdades e hierarquias do capitalismo. Ao enveredar mais recentemente pela reflexão sobre ideologias de linguagem, *de novo* Luiz Paulo soube nos chamar a estudar a articulação semiótica – estrutura-uso-ideologia – como requisito para os nossos modos cada vez menos ingênuos de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel central. Colaborando para a produção desses marcos com expoentes como Marilda do Couto Cavalcanti, Maria Antonieta Alba Celani, Liliana Cabral Bastos ou Marilyn Martin-Jones, ouvindo e trocando ideias com tantas outras colegas, dizendo com seriedade – e quase sempre com bom humor, já que ninguém é de ferro e nem tem sangue de *cucaracha* –, Luiz Paulo tem nos oferecido uma obra instigante e inspiradora.

Alô, alô, Realengo, *buenas*, aquele abraço! Nós, das cortes e das províncias, ficamos muitíssimo obrigados!

# Introdução

## *Errâncias indisciplinadas: entre rastros, ruínas e reconstruções*

Branca Falabella Fabrício  
Rodrigo Borba

Imagem 1. *Graffiti em escombros de demolição no Alemão*



Fonte: Diniz, 2014.

Na foto *Graffiti em escombros de demolição no Alemão*, as lentes do fotodocumentarista carioca Ratão Diniz captam um momento no qual, durante um mutirão de grafiteiros no Morro do Alemão,<sup>1</sup> escombros de uma construção transmutam-se em potência significante. Da destruição surge algo novo, dando nova vida crítica ao que antes era dejetivo. Observamos a inscrição de imagens em fragmentos de uma

---

<sup>1</sup> Diniz, 2014, pp. 54-55.

edificação, nos quais a justaposição de rostos-zumbis pode convocar a atenção de quem passa pelo local, indiferente aos destroços do ambiente. São faces de olhos cerrados, duas delas talvez cravejadas de balas, cujos traços evocam uma ancestralidade africana. Sua inscrição em peças de entulho desiguais, dispostas lado a lado, imprime um ritmo enigmático à cena. Seria a multiplicação de cadáveres ou de gente viva, para quem a morte é uma presença cotidiana? O que poderia significar esse conjunto de figuras fantasmáticas?

O registro fotográfico de Ratão Diniz é uma recriação que faz as imagens gravadas em pedra conjurarem sentidos inauditos para o que antes pouco importava, viajando, assim, para outras dimensões da experiência. Esse trânsito, no entanto, não apazigua a indiscernibilidade. Mantendo o mesmo ângulo de observação do grafite, de cima para baixo, sua câmera enquadra os vestígios de mortos-vivos de forma que uma planta viceja na composição, em meio aos outros resíduos. A diversidade de detalhes valoriza a escala do menor, já que insignificâncias – detritos, espectros e um vegetal anônimo – ocupam o primeiro plano da obra, sem indicação de elos coesivos. No entretecimento de destruição e reanimação, permanece a incógnita.

Esse tipo de interpelação-pelo-indecidível, tanto do grafite quanto da foto, opera como comentário sociopolítico. Provoca reflexão sobre o extermínio da população negra, a desigualdade social e as forças agentivas em regiões marginalizadas da cidade. Assim, utilizando sua fotografia como prática de resistência, Ratão Diniz equivale o ato de fotografar à produção de memórias que podem alterar o modo de ver e de sentir. No caso em tela, rastros de degradação se transfazem, ganhando visibilidade e valor como objeto estético-crítico. Tal faceta leva grafiteiros a ver a transformação como a assinatura da obra do fotógrafo, pois “ele faz de uma coisa triste uma coisa maravilhosa, bota pra cima o que muitas vezes as pessoas querem esconder”.<sup>2</sup>

Tomamos a convivência de restos e esporos como metáfora da “indisciplina” tal como pensada por Moita Lopes em *Por uma linguística aplicada indisciplinar*.<sup>3</sup> Sem nos comprometermos com o sentido de

---

<sup>2</sup> Grafiteiro Smoky, em comentário sobre a obra de Ratão Diniz. Diniz, 2014, p. 60.

<sup>3</sup> Moita Lopes, 2006a.